

Projeto Macios

Real Life

Camila Elis

Desde que em 2019 fiz duas exposições individuais, a primeira na Galeria de Arte Mamute e a segunda na Residência artística Linha, a minha produção tem se dividido em dois modos de pensar e produzir imagem. Dois procedimentos que se anulam. O primeiro de *Da alma e as coisas suspensas*, minha primeira exposição individual, com curadoria de Bruna Fetter, em que os trabalhos coloridos, de linhas e pinceladas suspensas, levavam os olhos a elevação e leveza, quase como um sopro, referenciando o renascimento de Rafael nos afrescos da Villa Farnesina, em Roma, e o mito de Eros e Psiquê. E o segundo de *Filhas do atrito*, uma exposição impulsiva e sem curadoria e texto. Manchas e grafismos violentos espalhados pela sala de exposição estavam combinados ao chão cheio de cacos de vidro. Os dois projetos foram expostos no mesmo mês de outubro. Foi uma disputa entre duas formas de fazer imagens - uma controlada, refletindo sobre uma composição formal e cromática coesa e equilibrada - e a outra - visceral, física e impulsiva, onde manchas, transparências e a cor vermelha e preta procuravam dramatizar o ambiente expositivo. Desde que *Filhas do atrito* abriu, só tive vontade de fazer imagens dessa maneira, quase como se estivesse as rasgando para fora de mim. Imagens que ao se realizarem fora, me assustam e materializam partes da minha interioridade. Tenho procurado este susto em detrimento do controle no ateliê, e por esse motivo fazer pinturas e desenhos belos, coesos, superficiais, nesse sentido, não é mais o que eu mais gosto de fazer. No entanto, a maneira controlada de trabalhar se impõe, é como se quisesse me desfazer desse modo de tomar o espaço e ele se infiltrasse no ateliê. Do que poderíamos comparar a expressão popular 'enfiar goela abaixo', estas operações se enfiam goela abaixo. As pinturas são grandes, luxuosas, coloridas e com um dado inegável de beleza associado diretamente ao interesse na natureza morta e, para mim, comparável a uma característica ingênua, límpida, de um feminino sedutor mas místico. São pinturas macias e em tons pastéis, que escondem ou procuram mascarar uma violência que lhes é complementar. Produto e resultado de um conflito dentro do ateliê. Todos os meus trabalhos são resultado de pequenas lutas entre a matéria e o corpo. E assumo as qualidades trágicas que estão colocadas entre o prazer e a dor dos materiais, do corpo e da experiência. Na ocasião de escrita deste projeto, enquanto olhava para meus recentes trabalhos, escolhendo o que tinha vontade de discutir, quase que observando-os em hipnose e com sentimentos paradoxais. Oscilo entre o desgosto, a vergonha e a admiração. Naquele mesmo momento me veio a memória um sonho que tive. No sonho eu estava em um ambiente de cor clara, acompanhada de algumas pessoas, enquanto nesse lugar escondia um segredo: havia recentemente bebido de um copo cacos de vidro reluzentes e pontiagudos. Enquanto os engolia, sentia, e também via, cada um descendo na goela, no esôfago, seguidos de um líquido vermelho pulsante, lembrava que não poderia abrir a boca porque estava tomada do mesmo vermelho. O encontro entre ver as imagens das pinturas belas e a aparição inconsciente, impetuosa, do sonho me alertaram ao que, a rigor, precisaria ser discutido em um próximo projeto. Isso que aconteceu é em si uma discussão que se coloca, de modo conceitual, dentro do processo de construção dos meus últimos trabalhos. A experimentação verdadeira e real de exprimir afetos/efeitos em imagens e transporta-los quase que intuitivamente para um ambiente expositivo e propor nada além, e tão somente, que uma experiência visual visceral e delirante para quem ali estiver. É o exercício de fazer ser vista a emoção, o drama, a poesia enquanto presença. Através destas imagens, desta combinação de cores e formas fazer algum motivo aparecer sob os olhos. Misteriosamente, assim como quando emitimos uma combinação específica de sons pela boca e se forma uma palavra e aí falamos e somos ouvidos, por nós mesmos e pelo outro. A imagem é um acontecimento em uma sala. E o projeto é sobre questionar o que se faz e o que se é enquanto se produz e se vê poesia como uma forma imediata e simples de sentir o mundo. [*english version below](#)





Macios em vermelho e laranja: Macios ainda é um projeto em construção e está na sua fase inicial, o que significa dizer que os trabalhos ainda são experimentos. As primeiras pinturas se caracterizam pela combinação entre vermelhos, laranjas e azuis claros. Também de uma composição voltada para a superfície, em um intuito de que as manchas e as formas se sobressaíam no espaço em que estão instaladas. As cores fortes capturam o olhar para instantes de calor, motivos cítricos e um sentimento explosivo de vivacidade. Estão referenciadas em uma combinação de signos primaveris ou tropicais. Bebem das maravilhas florais tal como as alegorias simbólicas da pintura flamenca e holandesa dos séculos XVI e XVII. A pintora Rachel Ruysch, uma das únicas mulheres pintoras de natureza morta reconhecida neste período, artista com a qual tenho diálogo desde as primeiras imagens que produzi, segue sendo pesquisa constante dentro da minha poética e trabalho de pesquisa. Em algum sentido, que não está claro, estes trabalhos são sobre questionar as suposições políticas que são feitas sobre a imagem produzida por uma artista mulher. Com outras palavras: reflito sobre qual o sentido de pintar natureza morta e o corpo feminino através da experiência de feminilidade que me atravessa. Se é que posso a conferir esta nomenclatura, portanto enclausurando minha produção em uma questão de gênero. Pensar sobre o estatuto dos trabalhos e da produção invoca uma questão histórica e política da pintura e também do meu corpo enquanto artista e pintora. Através das pinturas acaba-se materializando o amalgama destas questões no ambiente expositivo. [*english version below](#)



3





5



6

Lista de trabalhos de Real Life - Macios

- 1** Real Life, 2024. 140X120cm. Óleo sobre tela.
Real Life, 2024. 140X100cm. Oil on linen.
- 2** Real Life II, 2024. 140X100cm. Óleo sobre tela.
Real Life II, 2024. 140X100cm. Oil on Linen.
- 3** Real Life III, 2024. 145X150cm. Óleo sobre tela.
Real Life III, 2024. Oil on linen.
- 4** Real Life IV, 2024. 145X150cm. Óleo sobre tela.
Real Life IV, 2024. Oil on linen.
- 5 e 6** Sem título, 2024. 20X30cm. Aquarela sobre papel.
No title, 2024. 20X30cm. Watercolor on paper.

Camila Elis é pintora trabalhando com situações, ambientes e composições em abstração. Pensa a imagem como possibilidade de presença, ou ausência, de sentido em algum espaço. Seus trabalhos, quase sempre em óleo sobre linho ou papel, são em grandes formatos porque buscam ocupar o campo visual de quem as encontra.

As pinturas oscilam entre uma investigação e coleta, ou anotação, de memórias e sonhos, emoções cotidianas e suas ficções e políticas. Também do estudo de natureza morta e da fragmentação de curvas e formas do corpo. A tentativa é de tornar algo invisível em visível delirante através da prática pictórica. Seu processo se dá pela dissolução da tinta óleo em terebintina com a qual aplica e sobrepõe camadas transparentes em pinceladas alongadas. Usa o branco como tom nivelador da composição fazendo uma lavagem nas pinturas. Assim, as ações transparecem de modo contraditório na imagem. Interessada na possibilidade de tradução de emoções e sentimentos em matéria, faz imagens que oferecem um objeto aparente, que aparece sob os olhos.

camilaelis.com